

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA

Aira Suzana Ribeiro Martins
(Colégio Pedro II)

RESUMO

O aluno, ao iniciar seus estudos na instituição de ensino, já é um usuário competente da língua materna. A tarefa da escola é principiar o processo de ensino da língua a partir dos conhecimentos que o aluno já traz consigo. Esse procedimento vai fazer com que os recursos comunicativos do aprendiz sejam ampliados progressivamente, culminando na capacidade de utilização da língua de forma adequada, nas diversas situações do dia a dia, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. Para que esse propósito seja atingido, é interessante que o professor busque estratégias para mostrar ao aluno que a variação linguística é um importante fator da riqueza de uma língua. Logo, cremos que a leitura de textos de gêneros que utilizam uma linguagem mais coloquial seja uma forma eficiente de se iniciar o trabalho de conscientização do indivíduo sobre o caráter heterogêneo da língua e da importância de cada um de seus vários registros. As concepções de Soares (2011) sobre letramento mostram que a aprendizagem da língua é um processo contínuo e que a riqueza de experiências com leitura e escrita muito vai ajudar na formação e melhoria da capacidade de comunicação e expressão do estudante. Com base em leituras sobre letramento, ensino de língua e sobre práticas de leitura, nosso texto pretende apresentar formas de trabalho com leitura e escrita, com vistas ao conhecimento e à valorização das várias formas de expressão, considerando a variação linguística.

PALAVRAS-CHAVE: variação, letramento, leitura, escrita.

1 Introdução

É patente que somente os filhos da classe privilegiada tinham acesso aos bancos escolares até a primeira metade do século passado. Esses estudantes, oriundos de famílias de bom nível cultural, tinham domínio da norma culta da língua, único registro empregado na escola. Por volta da década de 1960, o acesso das classes populares à instituição de ensino provocou significativas mudanças nesse contexto, pelo fato de a nova clientela já trazer consigo a cultura e o registro linguístico próprios de seu meio. Até hoje, meio século depois, a escola ainda busca estratégias de promover a inclusão social de estudantes de classes menos favorecidas, dando legitimidade ao seu registro e buscando ampliar a sua competência comunicativa, com vistas a uma prática adequada de estilos diferentes, de acordo com as situações discursivas.

Estudos relacionados à Sociolinguística têm oferecido importantes contribuições no esclarecimento de muitos pontos até então obscuros e equivocados acerca da heterogeneidade e mudança linguística. O surgimento de um novo campo de estudos e pesquisas, filiado à área da Linguística e à área das Teorias da Linguagem, o Letramento, provocou também o surgimento de uma nova visão relacionada às práticas de linguagem que circulam na sociedade.

Nesse sentido, nosso texto pretende tratar de questões ligadas à variação linguística e ao desenvolvimento das habilidades de uso da língua nas práticas sociais. Consideramos, neste trabalho, o propósito da escola de levar o aluno oriundo das classes populares ao domínio do registro culto da língua, sem desconsiderar seus conhecimentos e experiências. Para isso, é interessante que nas séries iniciais do segundo segmento do Ensino Fundamental ele tome conhecimento, de forma mais sistematizada, da diversidade linguística existente em nosso território. Cremos que será possível a aquisição do registro culto da língua de forma progressiva, por meio da leitura e da escrita de textos em uma variedade de gêneros, cada um com seu registro específico.

Acreditamos ainda que atividades com uma diversidade de gêneros promoverão o enriquecimento do repertório cultural do aprendiz e possibilitarão seu contato com textos na norma culta. Nas séries iniciais do segundo segmento do Ensino Fundamental poderá ser feita a leitura de texto do gênero cordel, por exemplo, como apresenta-

mos nesta pesquisa. Propostas de atividades visando ao respeito à diversidade linguística possibilitarão o aumento do grau de letramento e impulsionarão a inclusão, com vistas à mobilidade social.

1 O caráter heterogêneo do Português do Brasil

É patente que, no Brasil, há uma grande quantidade de falares, com suas características regionais, sociais e estilísticas. Devido à tradição escolar de dar legitimidade somente à variante culta da língua, era comum até pouco tempo atrás essa postura da escola. Felizmente, as pesquisas acadêmicas trouxeram inúmeras contribuições às práticas de sala de aula, modificando o espírito conservador da instituição de ensino.

A escola tem a responsabilidade de levar o aluno a ter o domínio da norma culta da língua, porém, graças às contribuições dos estudos sociolinguísticos, compreende-se que todos os estilos têm a sua devida importância. Desse modo, diferentes registros linguísticos deverão ser tratados na escola, considerando o papel de cada um nas diversas situações. Essa nova postura da instituição de ensino tornou possível o contato do aluno com gêneros, cuja leitura era evitada, como a crônica, as histórias em quadrinhos e o cordel, por utilizarem uma linguagem coloquial e mesmo a língua não padrão, como se observa em muitas histórias de cordel. Hoje, a escola, no lugar de promover a substituição do registro que o aluno traz consigo pela norma culta, não só considera esse falar, como também introduz o registro culto, com o objetivo de o aprendiz ampliar seu repertório.

Neste artigo, pretendemos fazer o relato de projeto de leitura, gramática e produção de textos realizado em turmas da série inicial do segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ano). Optamos por selecionar uma obra para leitura que, em primeiro lugar, fizesse referência à cultura popular nordestina. Como sabemos, é grande o preconceito às formas de expressão nordestinas, sobretudo na Região Sudeste.

Creemos que tal atitude preconceituosa se deva, antes de tudo, ao desconhecimento, pois, como sabemos, só amamos e respeitamos aquilo que conhecemos. Logo, a escola deve levar a informação ao indivíduo, para que ele desenvolva o sentimento de respeito às diferenças. O cordel, um gênero eminentemente oral, com uma linguagem coloquial e bem-humorada, torna prazerosos os momentos de leitura, provocando nos alunos o desejo de participar e criar versos

com as mesmas características. Conforme observa Cosson (2014), cujas pesquisas são dedicadas ao letramento literário, a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo. Desse modo, o contato com a literatura de cordel poderá ampliar o conhecimento enciclopédico dos alunos, enriquecendo, assim, seu repertório. Para o desenvolvimento do projeto, selecionamos a obra *Minhas rimas de cordel*, de César Obeid (2005).

Como já comentamos, o projeto abrangeu leitura, produção textual e gramática. Neste texto, optamos por relatar somente as práticas que se referem à leitura e à produção de textos.

Nas próximas linhas teremos algumas considerações sobre a oralidade, modalidade da língua bastante trabalhada na leitura do gênero cordel.

2 A oralidade e o gênero cordel

A leitura de textos no gênero cordel é de grande importância, pois está relacionado à oralidade, à rima, ao ritmo e à melodia, podendo desenvolver uma série de competências no indivíduo. Ramos (1997) crê que o texto falado seja o ponto de partida para se chegar à produção do texto escrito, pois essa modalidade apresenta diferentes processos de construção de uma escritura. Segundo a autora, a observação da língua falada leva o indivíduo a perceber que um, em qualquer modalidade, é resultado de um processo que envolve hesitações, revisões, refazimentos relacionados ao léxico, à sintaxe, à morfologia, à semântica, à grafia e ao discurso. Bechara (1993) também acredita na possibilidade de a oralidade dar oportunidade ao indivíduo de refletir, formular ideias sobre a própria atividade linguística. Castilho (2000) chama atenção para a importância da oralidade na escola. Segundo ele, a instituição de ensino, sob o pretexto de o aluno já ter domínio suficiente da língua falada, ao iniciar a aprendizagem formal do Português, desconsidera essa modalidade, dedicando-se a sistemas classificatórios, sem nenhuma utilidade no uso da língua.

O ritmo é também um recurso organizador da linguagem. Para Donegan e Stampe (1983), esse elemento pode compreender todos os traços que compõem a musicalidade da fala, estando compreendidos, nesse caso, o jogo de timbres, o jogo de pausas, de rupturas e de continuidades. A entonação, sendo um aspecto prosódico dotado de ritmo, funciona como um suporte indispensável para o discurso que

se apresenta na fala. Lembramos que o ritmo não se restringe somente à configuração sonora do discurso; ele é um componente da compreensão, ou seja, da dimensão semântica da língua.

Ao propor o trabalho com a oralidade na sala de aula, estamos realizando uma espécie de volta ao percurso empreendido pela própria humanidade, pois, como sabemos, todo o patrimônio cultural das sociedades antigas, de épocas anteriores à invenção da escrita, era preservado por meio da memória. Os textos, em forma de poemas bem elaborados e ritmados, compreendiam canções festivas, acalantos, marchas militares, hinos religiosos e narrativas exemplares. O ritmo era um recurso utilizado para que as obras fossem memorizadas sem alterações, não havendo, assim, o risco de se perderem. É importante observar que essas composições eram sempre orientadas para o outro, que poderia ser a plateia, uma divindade ou um indivíduo representado pelo vocativo.

Com a invenção da escrita, as narrativas populares mantiveram seu prestígio. Como poucos tinham a habilidade da leitura, era necessário que os textos fossem apresentados pelo orador em forma de versos e rimados, com a finalidade de facilitar sua compreensão pela plateia.

Podemos observar que as narrativas primitivas ainda permanecem entre nós, algumas sem alterações, como as fábulas, as lendas, as narrativas de encantamento, os contos maravilhosos. Outras narrativas são resultado de transformações, entretanto, a tradição se conserva no sentido de a voz ser o elemento que dá vida a essas composições.

O gênero cordel, trazido pelos portugueses, tem as características das narrativas antigas. A escrita em cordão, como era chamada pelos lusitanos, pode desempenhar as mesmas funções das primeiras formas de narrativas.

No Brasil, a literatura de cordel teve grande aceitação no Nordeste e até hoje o gênero é associado a essa região. A Região Nordeste se tornou o berço de grandes escritores do gênero cordel e suas obras continuam conquistando leitores do resto do país. Esse gênero textual, nos primeiros tempos, podia transmitir conhecimentos, funcionar como jornal ou até mesmo servir de leitura para simples deleite estético. Os versos, próprios para serem transmitidos oralmente, apresentavam-se, tradicionalmente, em forma de folhetos. Podemos citar poetas considerados mestres do cordel, como Silvino Pirauá, Leandro Gomes de Barros e o mais conhecido entre nós, Patativa do Assaré.

Atualmente, devido ao grande interesse que esse gênero vem despertando, vemos o surgimento de cordelistas não só no Nordeste como em outras regiões do país. Essa nova geração, predominantemente culta, luta para preservar a originalidade do gênero, construindo versos de forma mais consciente e cuidada, em um registro mais coloquial. Os folhetos atualmente são produzidos em gráficas, apresentando-se em edições mais caprichadas. Vemos também obras de cordel publicadas por grandes editoras em belíssimos projetos gráficos. Podemos citar, como representantes da nova geração, poetas com César Obeid, Valneci Nascimento e Rodrigo Apolinário, residentes na capital paulista.

No trabalho com o cordel na sala de aula, os estudantes tiveram oportunidade de conhecer o repente ou improviso, cujos versos são feitos de improviso, obedecendo a um tema pré-estabelecido. A partir do contato com o repente, os alunos foram desafiados a fazer um *rap*, o repente urbano muito apreciado por eles.

A atividade final do projeto que relatamos consistiu na criação de um livro de cordel elaborado por duplas de alunos, seguindo, em parte, a mesma estrutura da obra de César Obeid: estrofes sobre ditos populares, superstições, adivinhas e uma narrativa. No trabalho realizado pelos alunos, foi acrescentado, ainda, um *rap*. Esses versos deveriam ser compostos em sextilhas, com rimas nos segundos, quartos e sextos versos. Dispensou-se a obediência à metrificação, pois houve grande dificuldade e a proposta da atividade, inicialmente recebida como um jogo, começou a provocar certa frustração nas duplas.

Vejamos uma história composta por uma dupla de alunos, nos moldes de *A velhota fofoqueira*, narrativa presente em *Minhas rimas de cordel* :

A bailarina maluca

Esta história engraçada
Vai fazer você chorar
O choro deriva do riso
Eu pretendo lembrar
Pois eu sou o narrador
E a história eu vou contar
No agreste nordestino
Ninguém sabe o qu'ê balé
E levando isso em conta

Gente age de má fé
É o caso d' Adascruzes
Que famosa ela é

Ela tem uma irmã
Que' stá sempre informada
As fofocas na cidade
Nem na feira lhe escapam
Ela mantém a irmã
Sempre sobreavisada

Outras personagens sérias
São o irmão e o agente
Que só queriam se dar bem
Em cima da mentira, ó xente
Q' isso a prole toda
Está sempre contente

Esta história é sobre o dia
Em que tudo ficou preto
A carreira promissora
Foi do ralo pro bueiro
Admito, fiquei com pena
Mesmo sendo bem feito
A irmã d' Adascruzes
Foi correndo lhe avisar
Que boatos na cidade
Correm, correm sem parar
Diziam que certos críticos
Iam até lá para a visitar

A doida da bailarina
Foi com o agente conversar
Lá estava o irmão
Par'o amigo ajudar
E os dois a abandonaram
Com'era de se esperar

Quando ela chegou em casa
A irmã lhe avisou
Que os críticos chegaram
Aguardando-a com louvor
Mas depois daquela dança
Eles estufaram o peito

Pra dizer: – Que horror!

E no final das contas
Adas cruze se deu mal
Ela chorou de desgosto
E perdeu todo o moral
E agora é o fim
E eu digo tchau!

Autor: Pedro Henrique Cardoso Paulo

A próxima produção de texto trata-se de um *rap*, do qual falamos anteriormente. Vejamos:

Problemas da cidade

Na batida da cidade
Na favela todo dia
Na mais alta insanidade
Vira pura tirania

Não aguento mais
Esses problemas
Eu quero paz
E nada mais

Um dia fiquei doente
Desmaiei e passei mal
Fui rapidamente
Prum carente hospital
Ninguém me atende
E se atende, atende mal

Não aguento mais
Esses problemas
Eu quero paz
E nada mais

Eu vou lhe falar
O que está acontecendo
Da carência escolar
Que existe há muito tempo
Perdi o direito de estudar

Não aguento mais
Esses problemas
Eu quero paz
E nada mais

Toda vez, todo momento
Que pego meu auto
Enfrento engarrafamento
E buracos no asfalto

Não aguento mais
Esses problemas
Eu quero paz
E nada mais

Ele é a realidade do momento
Tem em todo lugar
Que não tem saneamento
As pessoas não podem morar
Em lugar de mau planejamento

Não aguento mais
Esses problemas
Eu quero paz
E nada mais

Autores: João Paulo Lima e João Carlos Menezes

Incluimos o poema abaixo pelo fato de seu autor tê-lo elaborado por simples prazer de brincar com as palavras, como assim justificou. Isso mostra que a atividade foi prazerosa para o grupo.

Leiamos:

Primeiras letras

Sempre gostei de aventura
Altas emoções e perigos
Engraçado é que ninguém atura.
Amo brincar
Mas quando o assunto é rimar
Lá estou para me apresentar.
Para mim, rimar é prazer
É como se um engenheiro

Tivesse uma casa pra fazer
 Se na obra ele errar
 A casa irá cair
 E o sonho de uma família
 Vai se destruir.
 Isso acontece com a poesia
 Poema, talvez
 Se não rimar
 Era uma vez.
 Autor- Matheus D' Ávila

Como explicamos anteriormente, os textos acima reproduzidos fazem parte da edição artesanal elaborada em dupla, seguindo a estrutura da obra de leitura. Foi acrescentado também um *rap*, por meio do qual cada dupla denunciou as mazelas da cidade.

Posteriormente, nas aulas de Informática Educativa, os grupos registraram sua produção num programa disponível na Internet, em forma de livro de cordel. Por meio de outro programa, as narrativas foram transformadas em um filme de curta-metragem.

Conclusão

A escola tem sido constantemente acusada de não dar a devida importância à língua falada, empregada nas diversas situações, em detrimento da língua padrão na sua modalidade escrita. Seus objetivos, entretanto, não têm sido alcançados, pois, para muitos estudantes, as práticas de sala de aula são aborrecidas e sem sentido. É importante que o professor se conscientize de que as dicotomias do sistema – língua oral e língua escrita; registro coloquial e registro culto – são equívocos. Na verdade, existe um contínuo entre esses elementos. Os empregos das modalidades e dos registros da língua são determinados pelo nível de formalidade dos eventos. Desse modo, a escola deve dar oportunidade ao aluno de se apropriar, de forma gradativa, do registro culto e também adquirir a capacidade de se expressar de forma eficiente, tanto na modalidade oral como na modalidade escrita, no registro familiar, coloquial ou culto.

Atividades que envolvam leitura oral e discussões relacionadas às situações da vida prática, assim como reflexões sobre os usos da língua e seus efeitos de sentido são tão importantes como as práticas que visam ao domínio da norma culta da língua. Atividades como essas vão também permitir ao professor fazer uma abordagem

da língua em seus usos. Essas práticas, denominadas de letramento, permitem que sejam vistas em sala de aula as diferentes funções atribuídas ao uso da língua, tão distintas para as diferentes classes sociais.

Espera-se que a instituição escolar, no objetivo de oferecer múltiplos letramentos, seja um local onde se conheçam as diversas manifestações artísticas e se discuta sobre elas. Pelo fato de serem as manifestações populares ligadas à oralidade, é importante que essa modalidade da língua também ocupe um lugar de destaque nos bancos escolares.

Iniciar o aluno no estudo da língua com a leitura e o trabalho com gêneros mais próximos de seu registro talvez seja a forma mais adequada para tornar a tarefa do professor menos árdua. Cremos que esse procedimento tornará a aprendizagem do aluno mais agradável e mais relacionada à sua vida.

ABSTRACT

A student, when starting their studies at an education institution, is already a skilled user of their native language. The role of the school is to start the language teaching process based on the knowledge already acquired by the student. This procedure will make the learner's communication resources be progressively widened, resulting in their ability to use the language in a proper manner, during the various daily situations, in both verbal and written modalities. In order to reach this purpose, it is advisable that the teacher search for strategies to show the student that linguistic variation is an important factor for the richness of a language. Thus, we believe that reading texts belonging to genders that use a more colloquial language is an efficient way to start the work of raising the individual's awareness about the heterogeneous nature of the language and the importance of each of its registers. The understanding provided by Soares (2011) about literacy shows that learning a language is a continuous process, and that the richness offered by reading and writing experiences will greatly help shaping and improving the student's communication and expression ability. Based on readings on literacy, language

teaching, and reading practices, our text is intended to show ways to work with reading and writing, with aims to get to know and value the various forms of expression, considering the linguistic variation.

KEYWORDS: variation, literacy, reading, writing.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Editora Ática, 1993.

CASTILHO, Ataliba. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2001.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

DONEGAN, P. J. & STAMPE, David. *Rhythm and the holistic organization of language structure*. In: *Papers from the Parasession on the Interplay of Phonology, Morphology, and Syntax*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1983, p. 337-353.

GERALDI, João Wanderley. *Concepções de linguagem e ensino de Português*. In: GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Editora Ática, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2001.

OBEID, César. *Minhas rimas de cordel*. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 2005.

RAMOS, Jânia M. *O espaço da oralidade em sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SOARES, Magda. *Letramento – um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Recebido em 30 de maio de 2015

Aprovado em 10 de maio de 2015